

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRNACA SEM RECEITA**  
**10 de Maio de 2022**

**SOLO / 1970**

*Um filme de Jean-Pierre Mocky*

Realização: Jean-Pierre Mocky / Argumento: Jean-Pierre Mocky e Alain Moury, baseado numa história de Mocky / Direcção de Fotografia: Marcel Weiss / Direcção Artística: Françoise Hardy / Música: Georges Moustaki / Som: Séverin Frankiel e Lucien Yvonne / Montagem: Marguerite Renoir / Interpretação: Jean-Pierre Mocky (Vincent Cabral), Sylvie Bréal (Micheline), Anne Deleuze (Annabel), Denis Le Guillou (Virgile Cabral), Henri Poirier (Verdier), Christian Duvaleix (Larrighi), Dominique Zardi (juiz), R.J. Chauffard (o “ruivo”), etc.

Produção: Balzac Films – Ciné Eclair – Cinévog – Showking Films / Produtores: Jean-Pierre Mocky e Henri Weis / Cópia: 35mm, cores, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 86 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Jean-Pierre Mocky (1929-2019), que dirigiu perto de 80 filmes entre 1959 e o ano da sua morte, é um dos mais prolíficos cineastas franceses das últimas décadas, mas também, paradoxalmente, um dos mais desconhecidos. Mesmo aqui, na Cinemateca, não passaram assim tantos filmes realizados por ele, mas o problema não é só português, porque também em França a sua obra, apesar de alguns picos de atenção crítica (como foi o caso de **Solo**, justamente), também não é uma obra que faça parte do léxico de toda a gente. Cineasta inclassificável, demasiado “popular” para os meios “intelectuais”, demasiado “intelectual” para o cinema “popular”, cultivando um gosto pela provocação e pelo desconcerto dos seus espectadores que torna muitos dos seus filmes difíceis de “digerir”, o Mocky-cineasta (não esquecer que ele foi também actor, e não apenas nos seus próprios filmes) é um bom exemplo daquilo que ainda está por descobrir cabalmente num cinema – o francês – que apesar de tudo qualquer cinéfilo experimentado julga conhecer bem.

É preciso notar, e já estamos a ir a **Solo**, que a obra de Mocky como realizador é paralela à da Nouvelle Vague (1959, ano inicial para ele a para e princípio “oficial” da vaga), sem que verdadeiramente se confunda com ela. Mocky, individualista, distante (de certa forma, um pouco como a personagem que interpreta neste filme), não tinha feito para se integrar em “movimentos”, e a sua filiação mais convicta era, para além disso, no chamado cinema popular. O que não impede que um dos principais defensores de Mocky, que sobre ele teve regularmente palavras de estima, tenha sido Jean-Luc Godard, e que este até lhe tenha dado um pequeno papel em **Prénom: Carmen** (era um dos pacientes do hospício onde o filme começava, gritando pelos corredores “há algum francês na sala?”, título de um filme que Mocky acabara de estrear). Ora, e é por isso que isto nos vem à cabeça, há um momento em **Solo** onde um título de um filme de JLG é citado (“made in USA”), por acaso ou por propósito, e numa altura em que o filme de Mocky, estreado apenas dois anos depois do Maio de 1968, já nos fizera lembrar os mundos desse e doutros Godards (o **La Chinoise**) da alvorada da sua fase política, só que vistos de outro lado, e de uma perspectiva muito mais ambígua. Os estudantes de **Solo** são como a célula maoísta da **Chinoise**, mas vistos com outra distância e também com outra violência, equivalente da violência (“terrorista”, dir-se-ia, apesar de a palavra ter perdido muito significado pelo excesso de uso nos últimos anos) a que se dedicam, que

também é olhada por Mocky com enorme ambivalência – todo aquele massacre com que o filme começa, num bordel cheio de velhos e mulheres nuas, é filmado com uma indiferença próxima do desprezo. Mas também isso é um indício de como a posição da personagem interpretada por Mocky se aproxima da posição pessoal de Mocky que ele, como realizador, exprime. Como diz a sua personagem num dos diálogos mais significativos, explicando a diferença entre ela (um violinista, daí o Solo, que nas horas vagas se dedica ao roubo sofisticado) e o idealismo estudantil, um e outros coincidem no diagnóstico (a sociedade capitalista está podre) mas divergem na solução – “você querem fazer uma revolução, eu quero aproveitar-me em meu benefício”. Se uns querem matar os “donos disto tudo”, o outro – Mocky – quer roubá-los.

E com este dado de base Mocky constrói um filme que é como uma conversão – não muito longe das histórias daqueles westerns em que cowboys individualistas e desafectados se deixam envolver em causas morais. Mocky, de resto, afirmou em entrevistas na época que considerava o seu filme um “acto revolucionário”, e que a ideia lhe surgira em pleno Maio de 1968 ao observar os efeitos da repressão policial sobre os estudantes. Mocky, que aos 40 anos já não tinha idade para ser estudante e tecnicamente já tinha idade para ser pai deles, talvez não tivesse outra posição possível para além daquela que ocupa no filme através da sua personagem. Uma espécie de descida ao inferno da conflituosidade política e social: será um caso que a personagem do irmão de Mocky se chame Virgile, como o guia de Dante pelos círculos do Inferno (a associação a Virgílio, de resto, é dada expressamente pelos diálogos)? E será um acaso que o apelido de ambos seja Cabral, como Amílcar, então já um símbolo internacional das revoluções anti-coloniais?...

Com modos de policial e um olhar de uma enorme ambivalência sobre tudo e todos, **Solo** é um filme de aventuras cravado nas ruínas do Maio de 1968, sacrificial e desesperado (num sentido “kamikaze”), temperado por observações de “filosofia política” que são uma espécie de contra-slogans, simplistas e maniqueístas (ou, dito de maneira mais positiva, “arquetípicos”), e dominado pela plangência muito mediterrânica da música de Georges Moustaki, que se cola ao filme e lhe atribui uma melancolia insidiosa. Descobri-lo é descobrir a singularidade do olhar do Jean-Pierre Mocky cineasta.

Luís Miguel Oliveira